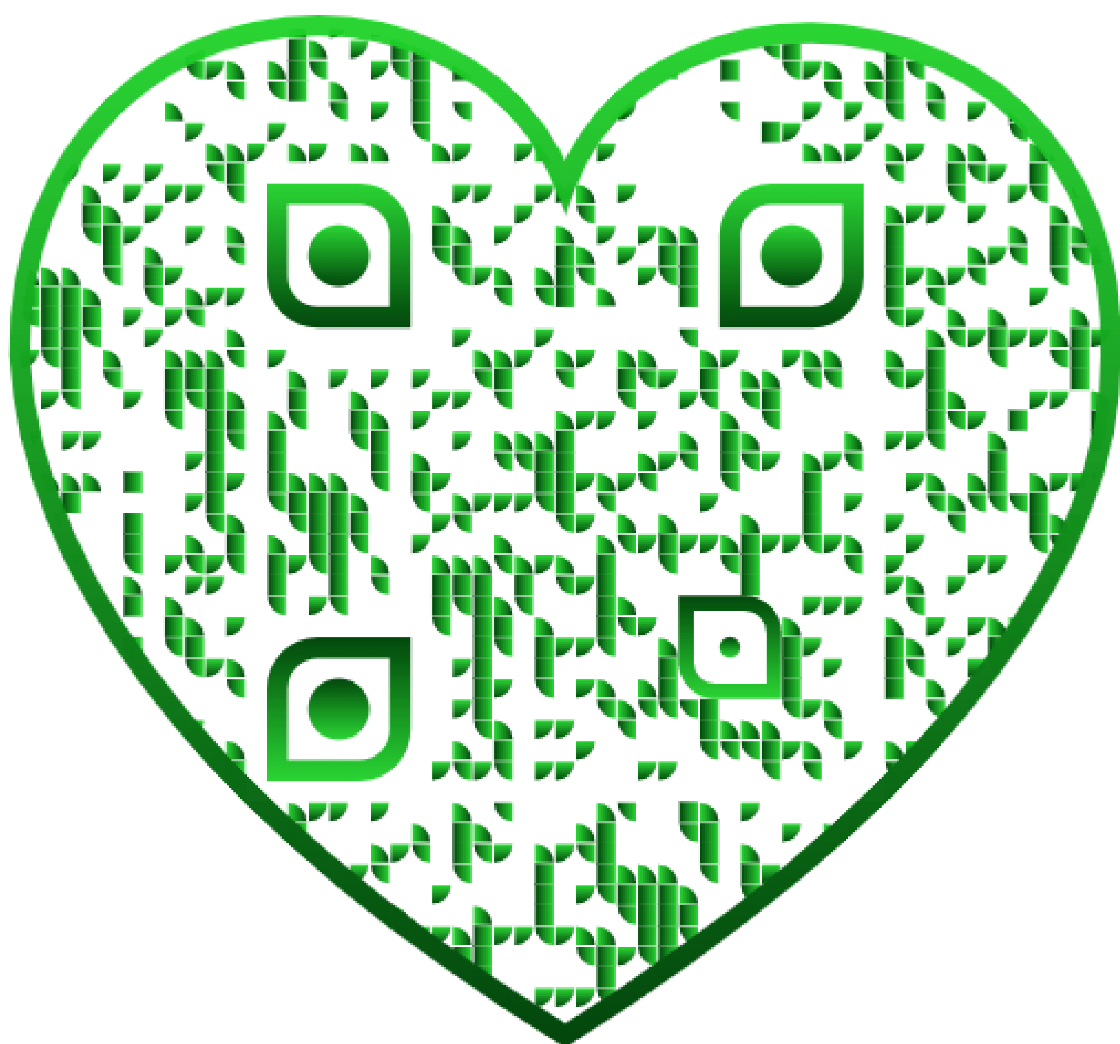
MARIA FREITAS

AZEITONAS





AZEITONAS

Para os meus amigos.
Os que sempre estão aqui.
Os que foram embora e voltaram.
E os que não vão ficar para sempre.

Capítulo 1

A PESSOA QUASE ATROPELADA

As sacolas deixam marcas vermelhas nos meus braços e mãos. Estão pesadas. São muitas. Tento caminhar depressa, querendo chegar logo ao prédio e entregar as compras aos donos. Meu peito dói pela falta de ar, a respiração comprometida pela máscara. Por um segundo, me sinto boba por ser praticamente a única a seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde. A rua agitada, mesmo em meio a uma pandemia, mostra que ninguém mais parece se preocupar em se proteger e proteger os outros. Principalmente os empresários, obrigando seus funcionários a voltarem a trabalhar apesar de os bolsos estarem cheios de dinheiro o suficiente para aguentar três pandemias. É como se um vírus que já matou mais de setenta mil pessoas no país não fosse nada.

— Cecília? — O grito de alguém se sobressai ao barulho da rua agitada. Uma buzina soa distante. Antes que eu possa me virar para ver quem me chama, o som alto de um carro freando com violência me faz derrubar uma das sacolas no chão. Mas não sou eu quem está na mira. A pessoa, que vem correndo na minha direção no meio da rua, grita de pavor. O carro não consegue parar a tempo. O barulho da batida, misturado ao som de vidros, lataria e ossos se quebrando, me faz gritar também, desejando que aquela pessoa não seja quem estou pensando que é.

Não pode ser, pode?

Os cabelos loiros platinados voam no ar, e, então, eu reconheço.

Meu Deus, eu reconheço.

Não sei por qual milagre, mas não acordo gritando. Levo as mãos ao peito e aperto forte, na tentativa de fazer aquela angústia esquisita passar.

Demoro a me levantar. Mas faço isso porque hoje é dia de fazer compras para o meu avô e para os outros idosos do prédio. Às vezes, como hoje, me pergunto onde eu estava com a cabeça quando me voluntariei para essa tarefa.

Meu avô já está a todo vapor fazendo seus exercícios na sala, sobre um tapete de ginástica. Faço meu caminho até o banheiro, mas ele me nota antes que eu chegue lá.

— Bom dia! Dormiu comigo por um acaso?

Reviro os olhos e paro.

— Bom dia, vô. — Ignoro a piadinha. — A lista tá pronta?

— Tá, sim. Já coloquei em cima da mesa, junto com o cartão.

— Não esqueceu nada dessa vez, né? — Semana passada ele não colocou leite na lista, e eu tive que sair de casa num dia não planejado só para comprar o bendito. Meu avô não conseguia viver sem seu café com leite.

— Conferi cinco vezes. — Ele para o movimento que está fazendo e me encara com seus olhos escuros, franzindo o cenho enrugado. — Cê tá bem?

— Tô… com sono só.

Ele continua me olhando por um tempo, desconfiado, depois volta para o exercício. Penso em comentar sobre o pesadelo que tive, mas desisto e vou caminhando em direção ao banheiro. Não sei se ele vai entender.

Meu avô não me conhece muito bem. Fui criada em outra cidade e, quando minha avó ainda era viva, costumávamos visitá-los mais. Desde que ela morreu e meu avô se mudou para este apartamento, vim muito pouco aqui. Eu sempre tinha uma desculpa: um evento da igreja, uma viagem da

escola, uma apresentação da banda. E sei que, depois que tudo isso passar, essa pandemia e esse isolamento, terei ainda menos tempo de vir.

Queria poder dizer que aceitei vir passar esse período aqui por ser uma pessoa boa e querer ficar mais tempo com meu avô. Mas a verdade é que vim porque não aguentaria ficar presa em casa com a minha mãe. Eu conseguiria até suportar a gritaria dos meus irmãos e o vício do meu pai por partidas de futebol antigas. Ela, no entanto…

— Não vai colocar nada pra você na lista? — meu avô grita lá da sala com sua voz grave.

— Vou não, vô! — Abro o armarinho do banheiro e pego minha escova e a pasta de dentes. Toda vez é assim, meu avô sempre pergunta se quero algo, eu sempre respondo que não. Às vezes, trago uma balinha de hortelã que adoro, quando me lembro.

Termino de me arrumar (se é que posso dizer que ajeitar esse cabelo de qualquer jeito e colocar essa máscara preta que não me deixa respirar é me arrumar) e pego minha bolsa.

Meu avô continua fazendo os exercícios. Agora, ele está sentado no tapete verde escuro, esticando os braços e deixando a coluna ereta. Sinto meus ossos rangerem só de olhar. Eu deveria fazer companhia para ele nos dias em que não vou ao supermercado, mas sou sedentária demais para sequer cogitar isso.

— Come alguma coisa antes de sair, menina. Saco vazio não para em pé.

— Ah, tô sem fome.

— Se você desmaiar na rua, sua mãe me mata.

Essa é a preocupação dele?

— Realmente tô de boa. — Pego a lista e o cartão que estão sobre a mesa. — Vou e volto rapidinho.

Dobro o papel e o coloco em um compartimento específico dentro da bolsa. Não gosto de misturar as listas. Minha organização é confusa demais para qualquer um que tente me entender. Mas faz sentido para mim, e isso me basta.

Passo em frente às portas dos outros dois idosos do prédio que me prontifiquei a ajudar, pego as listas que deixam coladas ali toda terça-feira de manhã, e vou ao supermercado.

Enquanto observo a moça do caixa passar as compras, que separei na ordem certa, colo post-its de cores diferentes nas sacolas: azul para o meu avô, laranja para a pessoa do 13b, e verde para a pessoa do 21b.

A caixa tem dificuldade em passar um pote grande de vidro, cheio de azeitonas. Parece que o código está errado. Respiro fundo, encarando o vidro sobre o balcão metálico enquanto a moça chama a supervisora para resolver o problema. Aquele pote maldito de azeitonas e o sonho que tive fazem meus olhos encherem de água.

Puxo o celular do bolso e abro o aplicativo de mensagens. O nome está lá, mas nada de foto, nada de respostas desde março de 2020. As últimas mensagens, enviadas por mim, meses atrás, não são pedidos de desculpas.

Começo a digitar uma nova.

Sonhei com você hoje. Sei que é estúpido começar essa mensagem (que você provavelmente nem vai ver) assim, mas foda-se. Sonhei que você morria. Foi estranho porque a sensação foi quase como aquela, na porta do hotel no Rio de Janeiro, quando derrubei nossas sacolas no chão. O barulho que ouvi no sonho parecia com o do pote de azeitonas daquela noite, caindo e se quebrando. Lembra que eu disse que ainda dava para comer as azeitonas, lá, misturadas entre água e cacos de vidro? Você olhou pra mim e riu, pegou a sacola molhada das minhas mãos e jogou fora. Sei lá, estou olhando pra um vidro de azeitonas agora, intacto, recém-comprado. Algumas coisas são facilmente substituíveis, outras não. Desculpa, é só… que lembrei daquela viagem, a gente na grama enquanto o mercado literário inteiro passava por nós. Seus livros não vendidos empilhados do seu lado, uma lata de refrigerante cheia e quente do meu. Eu prometendo que aquele seria só o

primeiro dos muitos fracassos que enfrentaríamos. Não fomos capazes de enfrentar nada, não é? Você era a minha pessoa, como foi que a gente se perdeu?

— Moça? — a garota do caixa me chama. Pisco algumas vezes tentando fazer minha visão entrar em foco. Estou chorando. — Você está bem?

— Tô, sim. Deu certo aí? — Aponto para as azeitonas que ela tem nas mãos.

— Deu, sim.

Abro um sorriso e volto minha atenção para as sacolas que estou etiquetando por cores. Qual era mesmo a ordem? Ah, sim! Laranja para o meu avô, azul para a pessoa do 13b, verde para a pessoa do 21b.

Capítulo 2

MALDITAS AZEITONAS

E se aquele sonho fosse uma premonição?

Fico pensando nisso o caminho inteiro até em casa. Às vezes, quando um carro ou outro passa por mim, olho para trás só para checar que ninguém esteja correndo na rua em minha direção, gritando meu nome. Espero que esse sonho não tenha me traumatizado, como aquele que tive em que a tempestade inundava a casa toda da minha mãe. Fiquei com medo de chuva por meses. Até que choveu e as enchentes invadiram a casa.

Chego ao prédio e a única coisa em que consigo pensar é entrar logo em casa e tirar essa máscara. É difícil demais respirar com isso. Pouso no chão as duas sacolas de compras da pessoa do 13b, toco a campainha para avisar que cheguei e subo de escada até o 21b. Deus me livre entrar em um elevador, mas também não quero me cansar, ainda mais com a respiração comprometida por essas camadas de pano sobre o meu nariz e boca, então percorro o trajeto devagar.

Deixo as compras do 21b na porta e sigo até o apartamento do meu avô. Está tudo tão silencioso que desconfio que ele tenha desistido da quarentena e saído de casa. Mas, assim que limpo as sacolas e as embalagens, completamente no automático, pensando em uma época em que eu podia aglomerar com as pessoas que gosto, meu avô aparece na porta da cozinha.

— Deixa aí que eu termino de limpar.

— Obrigada, bonitão, agora já terminei! — Jogo o pano que usei para limpar os produtos dentro de um balde com água e o levo até a área de

serviço. — Mas o senhor pode guardar tudo no lugar. — Pisco para ele e vou em sua direção, evitando passar muito perto.

— Tá bom! — Ele se afasta para ficar longe de mim.

Vou direto para o banheiro, jogo as roupas no "cesto do corona" e tomo um banho demorado. Demoro também a me arrumar. Meu estômago está roncando de fome quando volto para a sala, mas, antes que consiga seguir para a cozinha, vejo seu Mário em pé, com a mão escorada no encosto do sofá, olhando diretamente para mim. Ele não parece bravo, mas também não parece muito feliz. Nem o cabelo branquinho, contrastando com a pele negra dele, o deixa mais fofo naquele momento.

— O que houve?

— Você trocou as compras!

— Eu o quê?

— Trocou as compras — repete pausadamente.

— Não troquei, não! — Minha voz treme. A certeza de que eu havia trazido as compras certas vai embora. — Troquei?

— Uhum. — Ele faz um bico horroroso. — Minhas azeitonas, meus chás… Nada disso veio. Pode ser que você tenha esquecido…

— Puts. — Coloco a mão na testa. — Não, eu troquei mesmo. Tenho certeza que comprei essas malditas azeitonas! — Vou até a cozinha. Meu avô deixou as compras todas no mesmo lugar onde eu havia colocado. — Vou olhar nas listas para ver de quem é essa compra. — Corro até a cadeira do corona, onde deixo minha bolsa, ao lado de um vidro de álcool em gel, e pego as três listas de compra de dentro de um dos bolsos. Confiro os itens, um por um.

— E aí?

— Troquei com as compras do 13b. — Eu me jogo no chão, completamente derrotada. Não acredito que vou ter que fazer todo o ritual

anti-corona de novo. E ainda sair de casa com a máscara reserva, que fica puxando minhas orelhas para a frente.

— Vai logo, Cecília, a pessoa pode estar dando falta da compra dela.

— Tô indo, vô.

Coloco os produtos em sacolas que estavam expostas ao sol, na área de serviço, há mais de três dias, visto a máscara branca e apertada e saio de casa. Penso em como vou abordar a pessoa do 13b; sei que mora sozinha, mas só isso. Não sei quem é, não sei como se chama. Meu coração acelera, crio mil e uma teorias sobre a identidade da pessoa.

Mas nem é necessário sentir tanto medo. Quando viro o corredor, vejo duas sacolas, diferentes das que eu trouxera mais cedo, lado a lado na porta do 13b. Respiro aliviada. Já amo esse ser humano com toda a minha força, mesmo sem fazer ideia de quem seja.

Pego as sacolas e deixo as outras no lugar. Toco a campainha e saio, como de praxe.

Chego em casa, já antecipando o ritual de sempre: limpar tudo e deixar sobre o balcão. Mas duas coisas chamam minha atenção assim que tiro os produtos de dentro das sacolas. Há um bilhete escrito à mão, em uma letra bonita e caprichada.

Me desculpa, comi algumas das suas azeitonas. Ando me distraindo muito e não percebi que havia esquecido de acrescentar azeitonas na lista. Só percebi que estava errado quando notei as outras coisas que eu não tinha pedido dentro das sacolas. Para me redimir do meu equívoco, estou mandando um pedacinho de bolo de cenoura. Me desculpa novamente.

Releio o bilhetinho, sem acreditar no nível de fofura daquela pessoa. Depois, pego a vasilha de plástico onde o bolo está. Limpo tudo com álcool

em gel, até o bilhete, tomando o maior cuidado para não manchar o recado.

— E aí, trocou?

— Sim, mas a pessoa do 13b comeu suas azeitonas!

— Ah! — Meu avô até encurva os ombros. Eu não sabia que ele gostava tanto assim de azeitonas. Algo gelado desce pela minha garganta até o estômago. Malditas azeitonas! Lembro de Gio. Quase no automático, pego meu celular no bolso e jogo álcool sobre ele com tanta força que o líquido escorre pela lateral. — Bom, não tem problema… Já está terminando aí?

— Já. A mulher mandou um bolo.

— Mulher?

— É, a do 13b.

— É uma mulher?

— Uai, não sei.

— Uai?

— Ai, vô! — Pego o celular, ainda cheio de álcool. — Vou tomar outro banho. — Bufo. Sinceramente, que dia bosta! — A *pessoa* mandou um bolo de cenoura, tá no potinho. Eu já limpei tudo.

— Tá bom!

Passo o mais longe dele que consigo e vou (mais uma vez) tomar um banho. Já estou de saco cheio. Essa pandemia tem que acabar!

Capítulo 3

GAROTA DE RECADOS

— Preciso que você faça algo pra mim! — É a primeira coisa que meu avô diz quando chego na cozinha, algumas horas depois. Já são duas da tarde e só agora a comida ficou pronta. Ok, a culpa é minha porque troquei as compras e ele atrasou a preparação do almoço. Ok, eu nunca iria reclamar.

— Se eu tiver que sair de casa para isso, não vai dar. Deus me livre passar por tudo isso de novo. — Parece que odeio tomar banho, mas nesse contexto eu odeio, sim.

— Não, hoje não. — Ele se vira e pego os pratos no armário. — Mas quando você for fazer as compras da semana que vem, quero que leve um bilhete para e 13b.

— Pra quem? — Não entendo bem o que ele diz. Deve ser porque ele está de costas para mim.

— E 13b. — Ele se vira e repete, com paciência.

— *E*? — Estranho.

— Linguagem neutra, minha filha.

Abro os braços, em choque. Eu devo estar em algum tipo de sonho muito doido. Por que meu avô conhece (e usa) linguagem neutra, coisa que eu mesma ainda não aprendi a fazer? Faço um não com a mão aberta, mais parece que quero espantar uma mosca, e volto para o banheiro. Lavo bem o rosto e tento ajeitar o frizz do cabelo. *Não, eu não estou sonhando,* é o que

constato. Respiro fundo e retorno para a cozinha.

Meu avô está parado no mesmo lugar, sem disfarçar um sorrisinho. O prato dele já está cheio.

— Ok. — Respiro fundo mais uma vez. — O senhor quer que eu leve um recadinho pra pessoa do 13b, certo?

— Isso. Já até escrevi o bilhete. Vou colocar junto com a lista, em cima da mesa, na semana que vem. Não esquece, tá? — Ele me entrega um prato vazio.

— Sim, senhor. — Eu me sirvo lentamente, ainda confusa. — E da onde o senhor conhece linguagem neutra, vô? — pergunto, sem olhar para ele.

— Eu estava vendo uma mesa naquele evento… é… — Meu avô parece confuso. Olho para ele e vejo que está passando a mão direita sobre a testa algumas vezes. — Aquele que su amigue compartilhou esses dias…

— Amigue? Que amigue?

— Gio.

O soco no estômago vem certeiro.

— Ah… Não vi. — Volto a olhar para as panelas sobre o fogão e encho meu prato devagar.

— É Flipop o nome do evento — ele diz, depois de um tempo, estalando os dedos.

— Ah… — Nunca ouvi falar. — Tem suco? — Desvio o assunto. Não quero falar sobre nada que envolva Gio, mesmo estando me coçando para saber por que meu avô se interessou por um evento sobre linguagem neutra ou algo do tipo. Provavelmente era algo sobre livros… Será que Gio conseguiu terminar aquele livro?

Não. Não é da minha conta.

— Cecília? — Meu avô está se abaixando um pouco, tentando me olhar nos olhos.

— Oi, vô, eu?

— Você está bem? Estou te achando estranha desde cedo!

— Ai, vô… — Quase conto tudo para ele, mas desisto. — Acho que tô só com fome. — Vou até a mesa de quatro lugares, que fica no cantinho da cozinha, puxo uma cadeira e me sento. Meu avô me faz companhia.

Comemos em silêncio. Eu, com meus pensamentos me atormentando, controlo uma quantidade incontável de impulsos de olhar a tela do celular e verificar se Gio respondeu minha mensagem. Parte de mim sabe que não. Mas aquela outra parte, a trouxa, tem esperança de que elu tenha enfim desistido de me ignorar.

Obviamente não desistiu.

Checo isso depois do almoço. *Logo* depois do almoço.

E continuo não tendo resposta. Nos dias seguintes, meu celular pipoca com mensagens de outras pessoas, comentários no último vídeo que postei cantando “All the Good Girls Go to Hell”, da Billie Eilish, marcações nos stories do Instagram de gente ouvindo minhas músicas.

Fico a semana inteira tentando me convencer de que não preciso de uma resposta. Mas eu preciso.

— O que é isso, vô? — Pego a vasilha de plástico que está sobre a mesa, ao lado de dois papéis: a lista de compras do meu avô e o bilhete para a pessoa do 13b.

— Pudim. — Ele nem para os exercícios matinais para responder, mas tem algo diferente em sua voz. Um tom de expectativa.

— O senhor fez pudim para uma pessoa desconhecida e não fez pra mim? — O drama.

— Tem na geladeira. — Não olho para ele, mas tenho certeza absoluta que meu avô revirou os olhos. Dá para saber pelo seu tom de voz. Vou até ele e atrapalho seus movimentos, dando um beijinho em seu rosto. — O que deu em você hoje?

— Nada!

— Tá estranha.

— Uai, vô! — Eu me afasto dele e começo a organizar minha bolsa. Pior que eu devo estar parecendo estranha mesmo. Fico praticamente o dia inteiro no quarto, só saio para assistir a novelas antigas com ele na TV a cabo e para comer. Às vezes, nos sentamos na varanda e eu o ouço contar alguma história antiga, de quando ele era novo e conheceu a Dilma Rousseff (ele já contou essa três vezes), ou algo novo que ele aprendeu na internet. Meu avô parece gostar mais de ficar on-line que eu. Mas raramente me aproximo muito dele. Nada de abraços ou beijos. — Ô, vô! — Algo me ocorre de repente. — O senhor segue meus amigos nas redes sociais, é?

— Alguns.

— E o senhor anda vendo as coisas que Gio tá postando?

— Acho que sim, por quê?

— Ah, nada. — Coloco a máscara no rosto e penduro a alça da bolsa no ombro. Não sei por que comecei um assunto que eu não queria terminar. — Já tô indo.

Deixo meu avô sem entender nada e saio, como um raio, porta afora.

Pego a lista do 21b, depois desço e faço o mesmo na porta do 13b. Mas, em vez de ir embora, deixo o pudim que meu avô mandou, junto com o bilhete, e toco a campainha. Saio antes que a pessoa atenda.

Sei lá, acho que gosto do mistério de não saber quem é.

Quando volto, há um pote de plástico no tapete de entrada do 13b, diferente do que eu havia deixado antes, e, debaixo dele, um papelzinho

dobrado. Acho fofo. Pego os itens e deixo as sacolas de compras no lugar.

A primeira coisa que faço quando chego em casa é falar para o meu avô que ele tem um recado. O sorriso que abre ao ver o pote de plástico nas minhas mãos não deixa dúvida: aquele não vai ser o último recadinho que vou transportar pelos corredores desse prédio.

Capítulo 4

PODE ALGUÉM SE APAIXONAR INDEPENDENTE DE GÊNERO?

Estou há exatas três horas olhando para a tela do celular. Já respondi todas as DMs e stories de amigos, já ri de vídeos do TikTok. Mas meu olho sempre volta para a mensagem não respondida. Quero conversar com Gio, quero contar sobre as trocas de recadinhos entre meu avô e a pessoa do 13b. Quero contar que desisti de ser uma pessoa honesta e ando lendo todos os bilhetes. Quero falar que meu avô escreve poemas, assim como Gio. Quero falar tanta coisa.

Mas os blocos e mais blocos de mensagens sem resposta, a maioria enviada meses atrás, me faz desistir. Se Gio quisesse saber da minha vida, responderia.

— Cecília? — Meu avô bate na porta.

— Oi, vô! — Bloqueio a tela do celular e o coloco sobre a cama.

— Vem tomar um cafezinho, você está o dia inteiro nesse quarto!

Eu me levanto e abro a porta. Meu avô está com uma caneca nas mãos, sorrindo para mim. Retribuo o sorriso e saio do quarto, deixando meu celular para trás. Acho que preciso focar um pouco mais no mundo que está aqui à minha frente.

Sentamos na varanda. Estou pronta para ouvir mais uma vez a história sobre a Dilma, mas meu avô resolve mudar a pauta.

— Reparei que você anda muito calada nas últimas semanas. Quer

conversar sobre alguma coisa?

Não.

Meu primeiro instinto é negar.

Mas talvez eu queira, sim.

— Ah, vô, não sei… É que… Essa quarentena está me deixando meio ruim das ideias.

— Acho que todo mundo está assim.

— É, pois é. E, também… — Hesito um instante, mas decido falar. — Aconteceram muitas coisas na minha vida desde a última vez em que estive aqui, no ano passado.

— Coisas tipo...?

— Lancei algumas músicas na internet, viralizei, ganhei vários seguidores.

— Isso não parece ruim. — Ele sorri.

— E não é. — Hesito de novo. — Mas ao mesmo tempo é.

Meu avô me encara, confuso. Demoro um pouco para explicar, tentando organizar meus pensamentos.

— É que eu não converso mais com Gio, vô. — E é tudo que digo.

— Por quê? Super acompanhei a viagem de vocês ao Rio de Janeiro ano passado. — Ele enche a própria caneca com café. Então quer dizer que meu avô fica de butuca nos meus stories?

— A gente meio que brigou. Não lá no Rio, mas depois. E aí elu nunca mais me respondeu.

— E você quer ser respondida? — ele pergunta com cuidado.

— Ah, vô. Sinto falta de Gio. — *E isso dói*, eu queria completar, mas acho que não é preciso. Meu avô apruma o corpo na cadeira.

— Bom, se faz falta, continue tentando manter um contato. Mas pra uma conversa existir é preciso que as duas partes queiram falar e ouvir. Você quer falar com Gio, mas quer ouvir?

Sinceramente? Não faço ideia do que responder, então não falo nada. Fico observando meu avô tomar seu café, calado. Às vezes, ele me olha de soslaio, às vezes fica em silêncio ouvindo a conversa dos nossos vizinhos de cima. Já tomei três canecas de café quando meu avô volta a falar.

— Você prefere torta com recheio de frango ou carne moída?

Nossa, ele realmente mudou de assunto.

— Frango? — Minha voz é quase um miado. — Ai, não sei.

— Hmm, acho que vou colocar frango desfiado *e* carne moída na lista. Depois decido qual fazer.

— Aposto que a torta não é pra mim! — Cruzo os braços.

— E não é mesmo! Talvez eu deixe um ou dois pedacinhos para você.

— Credo, vô, que ruindade! Eu sou sua garota de recados, levo e trago seus bilhetinhos totalmente de graça.

— E lê também, que eu sei.

— Nossa, que difamação!

Ele solta uma risada.

— Talvez eu deixe uns quatro pedacinhos…

— Aff, vô. Tudo bem, por quatro pedaços eu continuo levando suas cartinhas de amor para uma pessoa desconhecida.

— Não são cartinhas de amor… São apenas conversas à moda antiga.

— Pelo menos ela te responde. Ele — corrijo. — Elu — corrijo de novo. Meu avô apenas ri da minha cara. — Não é estranho, vô? Tipo, o senhor nem sabe quem é…

— Eu sei quem é. Só não sei o gênero, é diferente.

Às vezes me irrita um pouco ter um avô mais fora da casinha que eu.

— Mas não é estranho? Tipo, o senhor já deveria saber, né? A pessoa não fala o próprio gênero em momento nenhum? Eu sei que o nome é *Rosimar*, o que não ajuda muito a saber se é homem, mulher ou outro…

— Você realmente está lendo, né? — Ele me interrompe.

— Não… li todos. Só alguns.

— Que coisa feia, Cecília!

— Eu só queria descobrir.

— E por que isso é tão importante pra você?

— Curiosidade… — confesso.

Ele apenas revira os olhos, pega um papel do bolso da calça e me entrega.

— Olha só… Veja o que está escrito.

Leio o bilhete.

Ah, sinto muito pela sua esposa. Saudade não dá para traduzir e não dá para explicar, não é? Sinto uma gratidão enorme pelas pessoas que passaram pela minha vida, mas elas já foram. Infelizmente, hoje vivo só. E tenho meus momentos de me sentir exatamente assim como você: alguém que viu todo

mundo ir embora. É difícil estar longe dos meus. E agora, nessa quarentena, tem ficado insuportável. Foi muito bom encontrar você. Com esses bilhetes, a solidão me deixa um pouquinho.

Rosimar.

— Pra mim é isso o que mais importa, Cecília. Ter alguém que preencha, ao menos um pouquinho, o meu vazio. E que eu seja alguém que preencha o vazio dessa pessoa também. Ter com quem conversar, falar sobre coisas que só a gente entende. Vocês, jovens, talvez não consigam entender a falta que isso faz, com esses celulares que tocam toda hora com uma mensagem nova…

Eu suspiro, compreendendo como meu avô nem imagina. Como dizer a ele que receber um milhão de mensagens não afasta a solidão?

Talvez eu seja mais parecida com meu avô do que ele pensa.

E talvez eu devesse tentar conversar com Gio uma última vez.

— Sabe, vô, o senhor tem razão! Tem gente que se importa com gênero, com tipos de corpo, com sei lá mais o quê, e tá tudo bem, né? As pessoas são diferentes, veem o mundo de jeitos diferentes. Mas, assim como o senhor, eu não ligo muito pra essas coisas, não.

Ele sorri, meio de canto.

Eu me levanto, encerrando o assunto. Quero mandar logo a mensagem para Gio antes que eu me arrependa e esse impulso passe.

Deito na minha cama e vejo que tem tanta notificação no meu celular que eu, sinceramente, penso em jogá-lo pela janela. No entanto, abro direto o aplicativo de mensagens, ignoro todas as outras vinte e três conversas pendentes (tudo isso em menos de uma hora longe do celular) e clico na conversa com Gio. Penso em mandar algo curto e eficaz, mas, quando vejo, já digitei um textão.

Ok, já que isso é um monólogo, vamos de monólogo.

Não sei o que você quer ouvir de mim, sério! Quer que eu simplesmente aceite que a pessoa em que me tornei não se encaixa mais na sua? Ok, aceito. Podemos superar isso e conversar como duas pessoas civilizadas? Podemos fazer isso, sei que podemos! Meu avô está aqui, conversando quase que semanalmente com uma pessoa através de bilhetinhos, e parece feliz com isso. São os termos que eles criaram. Nós podemos criar nossos termos, *novos* termos. Você não precisa simplesmente sumir porque não consegue lidar com as minhas mudanças.

Ai, nem sei mais o que tô falando. Só me responde, por favor. Estamos grandinhes pra ficarmos de palhaçada.

Fico olhando para a tela, na esperança de que algo mude. Pela meia hora seguinte, as notificações de outras conversas e de outras redes sociais se acumulam. Talvez a melhor coisa que eu faça nessa minha vida seja realmente seguir em frente.

Abro o Twitter e meus dedos começam a formigar quando vejo a quantidade novas menções. Tento não ignorar nada, mas sinto um desespero com esse tanto de mensagem não lida. Parece que não vou acabar nunca!

Mesmo assim, sigo em frente e zero a caixa de entrada, depois vou para as notificações normais.

Estou quase desistindo de olhar tudo quando uma *thread* de reações, ilustradas com GIFs de memes, de alguém que está maratonando todos os meus vídeos chama minha atenção. Eu, honestamente, já amo essa pessoa. Respondo com um GIF também, para ficar no mesmo tom. Praticamente no mesmo segundo, recebo uma nova mensagem *inbox*. Olho, por curiosidade, e é a pessoa da *thread* dizendo que terminou de ver todos os vídeos, que se apaixonou pela minha voz e que não aguenta mais esperar pelo lançamento do meu EP. Desvio o olhar para o meu guarda-roupas, onde sempre gravo os

vocais das minhas músicas (sim, eu gravo dentro do armário por causa da acústica, é por isso que meu nome de artista é *Cecília e o armário*), e penso que devo finalizá-lo em breve, mas bate sempre uma preguiça de pensar que tenho que produzir tudo sozinha em um notebook velho.

No entanto, receber esse tipo de mensagem me anima. Antes de responder, dou uma olhada no perfil e, nossa, quase caio mortinha no chão. Nunca vi um ser humano tão bonito em toda a minha vida (de exatamente dezenove anos). Sério. Chega a dar raiva.

Olho o pronome que usa, o nome (é Ciano) e as informações mais relevantes sobre *ele* na bio. Só aí eu respondo. E continuo respondendo. Quando vejo, estamos conversando há duas horas, como se o tempo tivesse voado. Tinha tanto tempo que eu não parava para falar com alguém de verdade. Ultimamente, vinha respondendo todo mundo no automático, sem realmente me conectar com ninguém. Acho que entendo meu avô. Não é a quantidade nem a frequência das mensagens, é a conversa em si e a atenção que você dá a ela. É isso o que faz toda a diferença.

Preciso parar um pouco o nosso papo para olhar o restante das notificações ainda pendentes. São muitas. Nenhuma delas é de Gio.

Quer saber de uma coisa? Desisto.

Capítulo 5

POSSO EU ME APAIXONAR INDEPENDENTE DE GÊNERO?

Aumento a frequência de saídas de casa justamente para levar e trazer os recados do meu avô. E faço isso feliz. Estou me sentindo o próprio WhatsApp, só que off-line. Pelo menos, recebi um pagamento. Meu avô e Rosimar combinaram de destinar para mim cinquenta por cento da comida que trocam. Achei justo.

Desconfio que seu Mário esteja completamente rendido. Ele fala de Rosimar o dia inteiro e sorri feito um bobo, às vezes do nada. Os olhos do meu avô brilham toda vez que ele está lendo (mesmo que seja pela décima vez) ou escrevendo algum bilhetinho. E eu acabo sorrindo também. Não dá para controlar.

Ando sorrindo muito ultimamente, inclusive. E não é por causa do meu avô.

Toda vez que uma notificação apita no meu celular é como se eu virasse do avesso. Meus dedos tremem, meu coração dá um pulo, meu sorriso se abre. Eu não diria que estou apaixonadinha, é só… uma cosquinha, uma necessidade de conversar o tempo todo sobre tudo, como se o lugar mais seguro e confortável do mundo fosse o chat da pessoa.

Será que é assim que meu avô se sente quando conversa com Rosimar?

Engraçado que meu *crush* também tem um nome neutro, mas eu sei que ele é um homem trans. Meu avô não sabe nada. Nem se importa. Será que ele é pan, como eu, ou será que não? Será que devo perguntar? Será que ele sabe o que é ser pan? Será que devo explicar?

Ele está aqui, sentado no sofá ao meu lado, rindo sozinho enquanto escreve alguma coisa no caderno. Os bilhetes estão cada vez maiores. O último que mandei tinha duas folhas quase completamente preenchidas. Sorrio, porque essa parece ser a única coisa que sei fazer.

Então meu celular apita e o coração pula.

Duas sensações completamente opostas passam por mim: a apreensão de ser uma resposta de Gio e a alegria de pensar que pode ser uma mensagem de Ciano.

É Ciano.

Sorrio, colocando meu pé sobre o sofá. Apoio o braço direito em cima de uma almofada e respondo. Fico olhando o chat, esperando uma resposta. Quando ela demora mais que um minuto, começo a sentir uma inquietação. Será que Ciano vai me esquecer no churrasco, como Gio fez?

Conscientemente, sei que são duas situações muito diferentes, mas meu corpo reage. Pisco sem parar, fecho o aplicativo, jogo o celular de lado. Meu avô me olha de canto.

— O que foi?

— Ah, vô... Tô conversando com um menino.

— Hmm. — Ele deixa o caderno sobre o braço do sofá e se vira para me olhar.

— Pois é, vô, eu gosto de meninos! — brinco, sorrindo meio de lado.

— Bom, eu também! — Ele fica me olhando um tempo, esperando minha reação. Como não digo nada, porque eu meio que já sabia, continua: — Mas me conta desse garoto.

— Ah, é só alguém que conheci no Twitter e a gente começou a conversar e tal. E é isso! Acho que gosto dele, mas só falamos sobre bobagens, sobre sexualidade, séries e música. Então não sei se ele me vê como amiga ou como *crush*.

— Por que você não pergunta?

— Tá doido, vô? Vai que eu estrago tudo! — O celular vibra no sofá. Olho para ele, mas decido ignorar.

— Foi o que aconteceu com Gio?

Nossa, ele manda na lata. E dói. Parece que meu avô me jogou um balde de água fria goela abaixo.

— Gio não era *crush*, vô. Era amizade.

— Era?

Não sei o que devo responder.

— Lembra quando aquele meu primeiro vídeo cantando viralizou? Aquele que mandei no grupo do WhatsApp, no ano passado?

— Você manda vídeo toda semana naquele grupo, Cecília.

Reviro os olhos.

— Enfim, depois desse vídeo, tudo o que eu postava passou a receber muitos likes, muitos compartilhamentos, muitos comentários. E Gio não soube lidar com isso. — Meu avô me olha de um jeito esquisito. — Elu tem questões com essa coisa de fama on-line — explico. Mas seu Mário segue sem entender muito bem o motivo do afastamento. — Ok, vô, a gente brigou.

— Isso eu notei, mas brigaram por quê?

— Porque Gio ficava me enchendo o saco, tentando podar tudo o que eu falava nas redes sociais. Parece bobo, mas é muito chato ter alguém querendo controlar o que você deve ou não dizer. Eu sempre reclamava dessa superproteção e a gente acabava discutindo toda vez. E... — Hesito. — Sabe quando alguém lentamente vai se afastando? As conversas começam a ficar menores, mais monossilábicas. — Começo a aumentar o tom de voz. — Gio não queria que eu me posicionasse, que eu levantasse bandeiras, que eu

falasse abertamente sobre gostar de meninas nem que escrevesse músicas sobre isso. Entendo que era só medo de que acontecesse comigo o que aconteceu com elu: ser superativista e só me lascar. Mas vô... Isso é quem eu sou. Preciso falar sobre esses temas, *cantar* sobre isso. Quero falar sobre sentir dor, sobre estar triste, sobre… amar as pessoas… — Quando vejo estou quase gritando.

— Eu entendo, Cecília. Mas é preciso estar vivo pra militar. E sua vida não é só isso...

— Eu sei, vô. — Pego o celular, na tentativa de cortar o assunto. — Eu só não quero que ninguém tire a minha voz.

— Vocês, jovens, têm muita energia pra gastar. Não julgo, eu também gastava a minha assim, com as causas que eu defendia! — Ele solta uma risada.

Desbloqueio a tela do celular e passo um olhar rápido pelas notificações. Tem mensagem nova de Ciano.

— Ô, vô. — Penso que é o momento certo para questionar uma coisa. Volto a olhar para seu Mário. — O senhor disse que também gosta de homens...

— Sim, sou bissexual. — *Ah, então ele é bi.* — Gosto de pessoas.

— E quando foi que o senhor descobriu que era bi? — Dou uma espiada no celular, evitando sorrir feito boba com as notificações que chegam.

— Eu sempre soube que me atraía por pessoas. Mas, na época que eu era jovem, esses assuntos não eram discutidos assim. Então eu simplesmente seguia minha vida. — Ele faz um gesto com a mão, como se jogasse algo para trás. — Tínhamos outras questões na época, era um movimento nascendo no meio da ditadura. E eu realmente estava preocupado em me manter vivo. Imagina só: um jovem preto resistindo aos militares. É difícil hoje, foi difícil ontem, mas espero que não precise ser difícil amanhã. — Meu avô sorri de um jeito nostálgico e triste. Os olhos dele, porém, têm um brilho estranho. Talvez seja esperança. — Só fui me entender como bissexual

depois dos anos 1990, em uma conversa com sua avó. Mas ela nunca gostou desse rótulo.

— Uai, por que não?

— Ela dizia que era algo que a limitava.

— E é?

— Não acho que minha sexualidade seja limitada por causa de um rótulo. Rótulos são políticos. Você deve usá-los para se reunir com pessoas iguais a você, para reivindicar direitos e debater sobre dores em comum. Não para se diminuir.

— O senhor já fez parte de alguma comunidade assim, vô?

— No meio LGBT, especificamente, não. No meu tempo, era tudo muito misturado. Eu fazia parte de um movimento que lutava contra o silenciamento da população negra durante a ditadura. Mas a luta pela liberdade não tinha apenas um rosto. Foi num encontro de jovens ativistas que conheci sua avó. Ela namorava uma moça, mas aí a moça arrumou outra moça. — Ele ri. — E a gente acabou junto. Não sei o que aconteceu, não sei quando nos apaixonamos. Naquela época acontecia tanta coisa, tanta gente ia e vinha, tantos amigos nunca mais voltavam. — O olhar dele se perde no chão. — Por isso que eu digo a você: una sua comunidade, ainda há muita coisa a ser conquistada. Mas o mais importante é *viver*. — Ele dá dois tapinhas no meu joelho e volta a escrever sua carta no caderno.

Fico olhando para ele por um tempo. Sei o que quer dizer.

Pego o celular e resisto à vontade de apenas me perder no chat com Ciano.

Mando uma última mensagem para Gio. *Dessa vez é a última de verdade*, prometo para mim mesma.

Eu juro que consigo compreender por que você se afastou tanto a ponto

de não querer mais falar comigo. Demorei a entender, mas entendo. Você quer viver, em paz de preferência. E quem sou eu para julgar? Sei que você quer me proteger do mundo, sem precisar me ver em discussões infinitas na internet sobre os direitos que a gente nem conquistou e já querem tirar de nós. Sei que, se pudesse, colocaria um pano florido sobre a grama e se sentaria comigo, para me ouvir cantar pra meia dúzia de pessoas no parque. Depois a gente comeria cachorros-quentes e voltaria pro hotel com a mala cheia de livros, um ukulele e histórias pra contar e recontar. Mas as coisas mudaram. Não somos mais duas pessoas anônimas rodando pelos eventos literários e musicais do eixo Rio-São Paulo, puxando leitores e ouvintes pelas mãos e oferecendo músicas e poesias de graça. As pessoas me conhecem agora. Assim como já te conheceram um dia. E eu sei que isso te assusta. Sei que você não quer mais ter um rosto conhecido. Sei que tem medo de que meu rosto se fira tanto quanto o seu. Mas, Gio, essa é a escolha que eu fiz. E preciso de você aqui, só para estar do meu lado. Se tudo der certo ou errado. Se depender de mim, não vou ser mais a pessoa desconhecida, deitada na grama, invisível e indiferente. Mas se eu for, que não seja sozinha. E se eu estiver em um palco, cantando para um gramado com milhares de pessoas, que você esteja lá, do meu lado, como sempre esteve.

Por favor, só fica.

Capítulo 6

BENDITAS AZEITONAS

Quando vim morar com meu avô, havia três coisas que eu não sabia: que a quarentena duraria tanto, que seu Mário é bissexual e que é possível virar a noite conversando com uma pessoa sobre vários nadas.

Se eu soubesse que a conversa terminaria com Ciano dizendo que está apaixonado por outra pessoa, talvez eu nem tivesse respondido a DM dele em primeiro lugar. Foi um balde de água gelada no meio da cara e não passo bem. Desde o meu último namoro — que deu completamente errado —, jurei que não seria trouxa. Fui trouxa.

Mas, ok, né? É só um *crush* de internet.

Durmo repetindo esse mantra. Parece até uma maldição, tenho outro pesadelo. Dessa vez, estou em uma casa com três quartos. Todos vazios. No maior, há uma garota, que nunca vi na vida, mas que me parece estranhamente familiar, sentada em um canto. Ela cobre o rosto com os braços e apoia o queixo nos joelhos. Acho que está chorando, então me aproximo lentamente. Não quero assustá-la. O que não adianta, porque alguém grita meu nome e a voz corta o ar fazendo com que eu e moça nos sobressaltemos.

Acordo em um pulo.

— Cecília! — Meu avô está batendo na porta. — Cecília, você esqueceu que hoje é dia de fazer as compras?

Resmungo e passo a mão pelo rosto.

— Que horas são? — Até quero me levantar, mas não tanto assim.

— Já são onze.

— Nossa senhora, vô! — Eu pulo da cama, em um misto de sonolência e alerta. Indisposta sim, mas pronta para sair correndo. — Desculpa. Já tô indo.

— Tá bom. — A voz dele vai se afastando. — Fiz café.

Eu me arrumo depressa, visto qualquer coisa, escovo os dentes de qualquer maneira e mal lavo o rosto.

— Come alguma coisa antes de sair, Cecília — meu avô alerta. Sinto o cheiro de cebola no óleo e meu estômago ronca.

— Vou rapidão e já volto — digo, afobada, pegando a lista e a carta sobre a mesa, colocando-as na bolsa e ajeitando a máscara do jeito correto no rosto. Não consigo desacelerar. Pego as listas dos vizinhos e deixo a carta que meu avô escreveu para Rosimar. Vou praticamente correndo até o supermercado. Ainda estou ligeiramente sobressaltada enquanto faço as compras, mas tento me focar para não me confundir de novo. Vai que, sei lá, viro garota de recados do prédio inteiro. Já estou desconfiada que meus vizinhos de cima estão namorando, cada um da sua janela.

Aff, que coisa ridícula!

Reviro os olhos para o vidro de azeitonas que coloco no carrinho.

Reviro os olhos para o leite. Para o café. Para o arroz. Para as maçãs.

Quase puxo o celular para pesquisar: *meu crush tem um crush e não sou eu, o que fazer?* Mas desisto. Não cheguei a esse ponto. Tem treze mensagens não lidas de Ciano no meu celular. Queria ter aquela força que a Cecília ideal teria para ignorá-las, apesar de saber que não é culpa dele que eu tenha criado expectativas completamente irreais durante nossas conversas. Como sou fraca, paro ali mesmo, no meio do supermercado, e leio as mensagens. Sorrio, lógico, mas deixo para responder só quando estiver em

casa.

Termino de colocar as compras no carrinho, separando-as para que eu não faça confusão. Antes de ir para o caixa, confiro lista por lista, produto por produto. Presto o dobro de atenção enquanto etiqueto as sacolas com meus post-its coloridos.

— Cê tá bem hoje, moça?

Noto que estou balançando a perna, inquieta.

— Tô sim. — Sorrio para ela, mas por trás da máscara. Não sei se ela percebe meu sorriso, mas não insiste e volta a me ajudar a embalar as compras.

Na última vez que me perguntou se eu estava bem, confundi as sacolas. Então volto a conferir tudo, mais uma vez. A moça não fala nada. Guardo os três comprovantes em suas respectivas bolsas e vou embora.

Hoje, as sacolas estão um pouco mais pesadas que o costume. Ou sou eu que estou mais fraca. Não deveria ter virado a noite conversando na internet com o contatinho. Infelizmente, não dá para voltar no tempo.

Ou dá?

Uma sensação estranha passa por mim. É como se eu já tivesse vivido esse momento.

As sacolas deixam marcas vermelhas nos meus braços e mãos. Tento caminhar mais rápido para chegar logo ao prédio. Meu peito dói pela falta de ar, a respiração comprometida pela máscara e pelo afobamento. Talvez minha pressão esteja caindo. Se eu desmaiar na rua, minha mãe vai me matar. Olho em volta e me sinto boba por ser praticamente a única a seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde. A quarentena parece ter acabado para todo mundo. O problema é que o vírus ainda está por aí, mais disseminado que nunca. Tenho vontade de gritar com todo mundo que vamos todos morrer.

O som agudo de uma buzina machuca meus ouvidos. Um carro passa depressa por mim e freia de repente. No susto, dou um passo para longe da rua. Uma das sacolas quase caí no chão, mas consigo segurá-la bem no momento em que meu celular começa a apitar descontroladamente no bolso. Meu coração martela dentro de mim quando olho para trás, esperando ver aquele carro atropelar alguém.

Mas não há ninguém ali para se atropelar.

Ninguém vem correndo no meio da rua, gritando meu nome.

Me vejo obrigada a escorar as costas na porta de uma das poucas lojas fechadas da rua. Respiro fundo, coloco algumas sacolas no chão e espero o caos dentro de mim se dissolver ou, pelo menos, diminuir um pouco. Tenho medo de passar mal na calçada. Seria um desastre.

Um senhor (que não deveria estar na rua) me oferece ajuda, mas dispenso, com educação. Já estou melhor, então pego minhas sacolas e sigo até o prédio.

Coloco as compras na frente da porta do 13b. A carta de três folhas que meu avô escreveu (e eu nem tive tempo de ler) não está mais lá. Em seu lugar, há uma folha solitária, dobrada com cuidado. Eu a pego, toco a campainha e começo a me afastar, mas paro no meio do caminho quando meu celular vibra de novo no bolso. Tenho quase certeza de que é Ciano falando do *crush*. Reviro os olhos antes de abrir o aplicativo e meu corpo pesa tanto que quase me sento no chão. Tem várias mensagens de Ciano, sim. Mas é outra que faz meu coração entrar em desespero.

Abro, sem pensar muito no que estou fazendo.

Penso naquelas azeitonas quase todos os dias. Lembro quando bati minha cara na porta de vidro do hotel. Lembro de a ansiedade por estar perto de tanta gente ter me apavorado e me feito desistir de vender meu livro para as pessoas na Bienal. Lembro que você ficou deitada do meu lado uma tarde inteira, enquanto eu só chorava por ser um fracasso. Eu me lembro. Tudo era tão mais fácil, né? Antes de o medo que eu sentia por mim ser transferido para você. Eu me expus na internet desde os 12 anos, e ambos sabemos as

consequências que isso teve na minha vida. Então, você tem razão, me apavorei por ter uma amiga famosa. Parte de mim ainda quer fugir, não quer ter uma amiga que posta um “a” e tem milhares de likes... Mas parte de mim acredita que podemos fazer alguma diferença no mundo (o que não quer dizer que apoio suas discussões de twitter). Ah, e ouvi a música que você me mandou. Ouço todos os dias. Queria dizer que também fiz algo para você: um livro de poemas. Eu quero ficar, Cecília, mesmo sabendo que vamos brigar mais que qualquer outra coisa.

P.S.: Ficar longe do WhatsApp faz parte do meu processo de recuperação. Não consegui deletar todas as redes, mas um dia vou fazer isso. Por que você é tão apressada? Só sumi daqui por quatro meses!

— Aff, que idiota! — Seco uma lágrima.

Ouço o barulho de chaves e me viro para trás. *Droga!* A pessoa do 13b está abrindo a porta. O que faço? Me escondo? Ou eu posso ficar aqui e dizer “oi”... mas aí acabaria todo o mistério. Não quero atrapalhar o esquema do meu avô. É o que o deixa feliz nesse período em que precisamos encontrar alegria nas coisas mais bobas.

Com as sacolas balançando nos braços e o celular na mão, eu corro e me escondo atrás da interseção entre o corredor e a área dos elevadores. Sem querer, quando estou virando para me esconder melhor, a pessoa do 13b abre a porta. Desvio rápido o olhar e me escondo, mas é tarde. Agora eu sei quem é, o mistério para mim acabou.

Olho para as sacolas nos meus braços. Uma delas guarda um pote com azeitonas. Eu me lembro de quando quebrei um vidro parecido com esse, lá na porta do hotel no Rio. Lembro o quanto fiquei arrasada porque realmente queria comer aquelas benditas azeitonas. O vidro quebrado tinha estragado tudo. Tomo um cuidado extra agora para não quebrar o pote e estragar as azeitonas do meu avô.

O celular vibra com as notificações do Twitter, mas as ignoro. Olho de novo a mensagem de Gio. Nenhum de nós fala sobre o motivo de eu ter saído completamente aérea do carro, tropeçado e deixado a sacola cair.

Mas eu lembro.

— Não gosto só de meninas — eu dissera, segundos antes de o carro parar e eu saltar dele, apavorada por ter saído do meu segundo armário. Quem dera tivesse sido o último.

Então, enquanto eu corria meio desesperada, a sacola caiu.

Eu me abaixei para catar as azeitonas, repetindo que ainda tinha salvação como se aquilo fosse um mantra.

— Tá tudo bem, Cecília. — Gio se agachou ao meu lado. — Tá tudo bem gostar de *pessoas*. — Segurou meu braço, me impedindo de continuar a tentar catar as azeitonas no meio de cacos de vidro e me fazendo olhar para elu. — É só um pote.

É, penso.

É só um pote.

Ouça as músicas de ***Cecília e o armário*****.**

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas… e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota…

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de Cartas para Luísa, livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, Sempre estive aqui, As razões de Cris e da série de contos com protagonistas bissexuais, Clichês em rosa, roxo e azul, que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br
Instagram: @mariafreitaslivros
Twitter: @themariafreitas

Faça parte do Clube da Maria, uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: https://apoia.se/clubedamaria.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

Edição e revisão: Clara Alves
Leitura Sensível: Koda Gabriel

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria
Azeitonas / Maria Freitas
São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza
www.mariafreitas.com.br